

Desconstrução e psicanálise: do psiquismo como uma máquina de escritura

Victor Maia¹¹⁵

Resumo

Este trabalho tem como principal objetivo fazer uma leitura do ensaio *Freud e a cena da escritura*, de Jacques Derrida, buscando evidenciar os contornos e as consequências que o filósofo magrebino dá ao esforço de Freud para entender o aparelho psíquico como uma máquina de escritura. Além disso, trata-se de tentar compreender como esse outro retorno a Freud *contamina* a desconstrução derridiana e nos dá a pensar o sujeito, a diferença e o inconsciente de outro modo.

Palavras-chave: Escritura; *Différance*; Psiquismo; Rastro; Inconsciente.

Abstract

This paper aims to analyze Jacques Derrida's essay *Freud and the Scene of Writing*, highlighting the contours and consequences that the Maghrebian philosopher attributes to Freud's effort to understand the psychic apparatus as a writing machine. Furthermore, it seeks to explore how this alternative return to Freud influences Derridean deconstruction, offering new ways of thinking about the subject, difference, and the unconscious.

Keywords: Writing; *Différance*; Psyche; Trace; Unconscious.

Introdução

A desconstrução não é uma psicanálise da filosofia, terá dito Jacques Derrida um pouco por toda parte. Denegação que fará repercutir um outro tipo de retorno a Freud, a partir do fim da década de 1960. Em um de seus ensaios seminais, *Freud e a cena da escritura*, publicado em 1967, Derrida lançou um outro tipo de olhar sobre Freud, enxergando aí um tenaz investimento metafórico do pai da psicanálise sobre sua concepção do aparelho psíquico, que vai do *Projeto para uma psicologia científica* (1885/1950) à *Nota sobre o bloco mágico* (1925), passando pela *Carta 52* e pela *Interpretação dos sonhos* (1900).

Curioso arco de pensamento, desviante em sua forma, do qual Freud não terá aberto mão ao longo de mais de trinta anos. Tratava-se, como o texto de Derrida nos permitirá compreender, da tentativa de dar conta de duas exigências teóricas aparentemente inconciliáveis, a saber, 1) a de se representar o psiquismo como uma máquina; e 2) que o conteúdo do psiquismo fosse representado por um texto essencialmente gráfico. Ou seja, em última instância, temos aí um problema de ordem metafórica que deveria nos permitir compreender o aparelho psíquico esboçado por Freud como uma máquina de escritura. Mas,

¹¹⁵ Psicanalista (Ebep-Rio), pós-doutor em filosofia contemporânea pela UFRJ e pela UERJ. E-mail: victormaiasoares@gmail.com.

adverte-nos Derrida, pela insistência de Freud sobre essa metáfora, talvez se produza aí um movimento desconhecido da filosofia em relação à própria escritura¹¹⁶.

Para além de uma ordem filosófica e metafísica milenar, que pensou sempre o ser como presença a si da consciência, era preciso [que é dizer, *a um só tempo, faltava e era necessário*, na dupla escuta que a expressão francesa *il fault* nos dá a pensar] situar de outro modo a questão do primado da presença. Nesse sentido, noções como rastro, *différance*, escritura, até mesmo o tempo (como temporalização), todas elas importantes operadores da desconstrução (Solis, 2009) derridiana, estavam, de algum modo, em reserva na reflexão de Freud. Não na totalidade dos desdobramentos e dos contornos que Derrida terá dado a essas noções, claro está, mas como abertura para possibilidades novas e totalmente diferentes de se pensar a autoridade da fenomenologia sobre o presente, sobre o sentido e sobre a vida. Em outras palavras, como aquilo que uma certa “lógica do inconsciente” permitiu então contestar no seio dessa fenomenologia do presente (DERRIDA, 2004, p. 204-205).

E se falamos de outro tipo de retorno a Freud, isso é porque Derrida terá empreendido uma leitura diferente daquela comumente aceita nos círculos acadêmicos e psicanalíticos parisienses de então. Muito mais preocupado com o que teria passado despercebido no discurso de Freud, Derrida parece renunciar à comum discussão sobre os textos e conceitos metapsicológicos para ater-se a um pensamento do *rastro* e da *escritura* proporcionado pela psicanálise, um pensamento que terá permitido a emergência de *uma outra noção de diferença*.

No *Projeto*, lembremos, Freud tentara dar conta de uma concepção de memória à luz dos pressupostos das ciências duras, propondo para isso uma psicologia como ciência natural, ou seja, uma psicologia que pudesse “representar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais especificáveis” (FREUD, 1996, 255). Na *peça fantástica* elaborada por Freud, tais partículas quantificáveis são os neurônios, cuja organização em diferentes sistemas e funções não nos oferece uma descrição anatômica nem uma realidade ontológica do aparelho psíquico, mas sim o esforço em direção a construção de uma metapsicologia.

Portanto, o *Projeto para uma psicologia científica*, cujos princípios teóricos de alguma maneira não terão sido abandonados por Freud ao longo de sua obra, não é um trabalho científico de caráter descritivo e experimental, mas um modelo hipotético que concebe o psiquismo como uma máquina capaz de transformar energia em inscrições neuronais (e, logo depois, em representação e sentido). Mas, Derrida nos lembra de Nietzsche, “a vida psíquica

¹¹⁶ A noção de escritura será retomada no decorrer do texto.

não será nem a transparência do sentido, nem a opacidade da força” (FREUD, 2009, 296). Importa aqui, então, não perdermos de vista a *diferença* na dinâmica das forças.

O problema teórico ao qual Freud permanecerá fiel durante décadas será, portanto, a tentativa de dar conta de uma máquina que seja capaz de reter sem deixar de receber novas impressões, um aparelho que dê conta, ao mesmo tempo, da “permanência do traço e da virgindade da substância e recepção” (FREUD, 2009, 295). Ou, no esteio de um spoiler anunciado desde o início, do psiquismo como uma máquina de escritura. Problema este que só a *Nota sobre o bloco mágico* terá solucionado, a partir de uma estranha progressão teórica empreendida por Freud, de 1895 a 1925.

Mas há aqui ainda um *investimento metafórico* de Freud que produz, aos olhos de Derrida, um movimento até então desconhecido da filosofia clássica, pelo menos desde Platão. Movimento esse que fez com que Freud abalasse certa segurança com a qual a filosofia se organizou em relação à escritura e a certa noção de diferença, à qual Derrida terá privilegiado em toda sua obra. Que é dizer que, ao entrar nessa seara fronteira entre a psicanálise e a filosofia, Derrida enxerga uma invasão engendrada por Freud na totalidade do psíquico, que será irredutivelmente representado como texto, a partir da *Carta 52* e da *Interpretação dos sonhos*. Ou seja, é de natureza essencialmente gráfica aquilo que é representado pelo conteúdo psíquico.

No período em que faz a comunicação do texto *sobre* Freud, a noção de escritura alcança um lugar privilegiado e definitivo no pensamento de Derrida. Se nos textos anteriores, como o *Introdução à Origem da Geometria*, e mesmo nas primeiras edições dos ensaios que posteriormente compreenderam a *Gramatologia* – que foram revisados e republicados com alterações conceituais substanciais (Baring, 2019) –, vemos um incômodo ainda tímido, ou pelo menos ainda não radical, com o privilégio da voz como sintoma da clausura metafísica; a partir de 1966, é possível notar um outro manejo da noção de escritura, que não pode mais ser pensada no âmbito de uma derivação da voz, como traço finito de um significado transcendente. No contexto de um antigo domínio do fonologismo, Derrida nota em Freud os pressupostos teóricos necessários para a radicalização e superação da distinção entre os modelos topográfico e econômico do psiquismo por meio da noção de escritura. Aquilo que no *Projeto* foi tomado como marcas de excitação, um ano depois, na *Carta 52*, será reconstituído segundo uma “conceitualidade gráfica ainda inédita em Freud” (FREUD, 2009, p. 303). É a passagem

empreendida por Freud das inscrições neuronais ao traço e ao grama¹¹⁷, da cena psíquica à cena da escritura.

Sabemos que Derrida fez da noção de escritura um motivo incontornável de sua obra. Ao denunciar o privilégio da fala [*phoné*] sobre a escritura, o projeto gramatológico de Derrida não concedia um privilégio à escritura, o que demarcaria a sua anterioridade originária em relação à fala. Possivelmente, mesmo um leitor não familiarizado com o timbre do pensamento derridiano consiga perceber que é mesmo o oposto. Trata-se muito mais de um colocar-se na escuta de uma reserva de escritura no seio da *phoné*. Em sede derridiana, essa leitura se marca como abertura para o pensamento desse sincategorema que o autor designa como *escritura* (DERRIDA, 2008, p. 69).

Essa noção de escritura, segundo a tonalidade que Derrida dá a esse termo, age deslocando a estrutura *fono-logocêntrica* do pensamento ocidental – que rebaixa a escrita ao estatuto de face exterior e superficial da fala – e ensejando na língua as marcas de indecidibilidade e excesso que reenviam à exterioridade da língua nela mesma. Esse contorno indecível corresponde à estrutura aporética da língua, que rasura o tradicional pressuposto do significado transcendental, segundo o qual haveria uma idealidade originária do significado, da qual o significante seria apenas o seu representante empírico. Na *cena sem cena* de um pensamento da escritura, temos que cada palavra se abre sempre à exterioridade que se inscreve como uma singularidade *diferante*. Em outras palavras, a cena gramatológica nos dá a pensar o próprio para além da identidade plena da palavra, uma vez que remarque a anterioridade – não cronológica, claro está – da palavra que nos é herdada. Que herdamos como memória disso mesmo que nos constitui – a língua –, mas também como promessa, como observa Derrida em *Mémoires*: “a essência da palavra é a promessa”, para logo arrematar que “não há palavra que não prometa” (DERRIDA, 1998, 101-102).

A escritura sublinha, portanto, o caráter sempre indecível e não apresentável, não apropriável por nenhuma fenomenalidade, de toda palavra. Nesse sentido, a palavra funciona diferindo-se dela mesma, na sua abertura à exterioridade e ao outro dela mesma, como *rastro de rastro*. Esse rastro, diz-nos Derrida, “faz com que a palavra diga sempre outra coisa ainda que o que ela diz, ela diz o outro que fala ‘antes’ e ‘fora’ dela [...]” (DERRIDA, 2008, p. 56). Como rastro de rastro, a escritura nunca se deixa apropriar pelo ente presente, ela não se deixa reduzir nunca à forma da presença (*Ibidem* p. 69). Derrida nos convoca então a pensar essa

¹¹⁷ E logo será preciso pensar, junto com Derrida, a passagem do traço ao rastro, como marca da desconstrução do logocentrismo.

escritura como, ao mesmo tempo, exterior à palavra e interior à palavra que é em si mesma uma escritura (*Ibidem*, p. 56).

Não nos precipitemos, no entanto, nesse emaranhado conceitual que parece borrar as fronteiras entre a filosofia e a psicanálise. Evitemos o assédio de um salto teórico que nos lance na desventura de uma compreensão da desconstrução do logocentrismo como mera psicanálise da filosofia. Antes, lancemos mão de ferramentas importantes oferecidas por Freud para tentar dar conta desse retorno sintomático do recalçamento da escritura “como aquilo que ameaça a presença e o domínio da ausência” (DERRIDA, 2009, p. 290).

Do Projeto ao bloco mágico

No *Projeto*, Freud tenta fazer uma descrição do aparelho psíquico como um sistema de traços – que não deve ser confundido com a noção de rastro [*trace*], que logo será de fundamental importância para entendermos os desdobramentos levados a cabo por Derrida no que se refere ao tema de nossa leitura. O psiquismo, dizíamos, se inscreve como um sistema de traços que daria contorno ao campo da memória. Nesse primeiro momento, o psiquismo é essencialmente memória. Mais, “sem memória não existiria qualquer aparelho psíquico, mas apenas um frágil organismo neurobiológico” (BIRMAN, 2007, p. 289).

Freud se embrenha aqui numa teia de conceitos para os quais terá recorrido a diversos modelos mecânicos, a fim de organizar a estranha articulação que propôs entre o psíquico e a escritura. Trata-se aí de construir uma solução que dê conta de um aparelho que seja capaz não apenas de transformar força em significação, mas de reter a memória sem saturar a superfície dessa retenção. Em outras palavras, era preciso dar conta das exigências de um aparelho que tivesse a capacidade de ser alterado de modo permanente por acontecimentos ocorridos uma única vez, isto é, um *aparelho de memória*.

No momento do *Projeto* (1895), Freud ainda não consegue pensar numa saída para essa dificuldade teórica. “Não se pode imaginar, de improviso, um aparelho capaz de funcionamento tão complicado” (FREUD, 1996, p. 359), ele diz. Sem poder contar ainda com a solução que só virá trinta anos depois, a do bloco mágico, Freud lança mão de um modelo neurológico controverso e, ao mesmo tempo, pouco condizente com a neurologia da época, “uma fábula neurológica cujo esquema e cuja intenção [ele] jamais abandonará, de certo modo” (DERRIDA, 2009, p. 295). Seu objetivo será “prover uma psicologia que seja ciência natural: isto é, representar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais especificáveis” (FREUD, 1996, p. 355).

No entanto, se há pouco salientamos o destaque dado por Freud a certa ideia de memória, que seria fundamental para sua concepção de psiquismo, essa ideia não nos chega sem algumas complicações. Ao contrário do que poderíamos apressadamente pensar, o aparelho psíquico não é aí o suporte para a recepção de memória. É, antes, a memória que constitui e engendra o aparelho psíquico. Essa memória não se identifica com um conceito mais trivial, digamos, ligado à lembrança ou a um acontecimento passado, sempre disponível para a consciência. Freud está introduzindo aqui um conceito original de memória, entendida como memória inconsciente. Ele está pensando essa memória como traço e, muito em breve, precisará operar um deslocamento para pensá-la também como escritura. Na *Carta 52*, um ano depois de redigir o *Projeto*, o pai da psicanálise irá assumir a retórica da escritura, ao observar que “o material presente em forma de traços da memória estaria sujeito, de tempos em tempos, a um *rearranjo* segundo novas circunstâncias – a uma *retranscrição*” (FREUD, 1996, p. 287) [os grifos são de Freud].

Tema de incontáveis estudos, discussões e querelas, o *Projeto* ocupa um lugar singular na obra de Freud. Publicado à revelia, pouco mais de uma década após sua morte, esse texto intriga pelo estilo – diferente dos demais escritos do autor –, mas também por aquilo que esboça sobre o psiquismo. Seus intérpretes e comentadores se dividem diante de suas ambiguidades, seja enxergando ali os fundamentos gerais da teoria psicanalítica, seja considerando um texto ainda alheio aos propósitos da psicanálise *propriamente dita*. Mas, para além das discussões sobre o lugar do *Projeto* na obra de Freud, importa compreendê-lo segundo suas possibilidades e as aberturas teóricas que nos *dá a pensar* sobre, por exemplo, a *escritura* e a *diferença*.

O *Projeto* se divide em três partes. Para nossos propósitos aqui, iremos abordar rapidamente a primeira parte, onde Freud propõe um “Esquema Geral” sobre o funcionamento do psiquismo, concebendo-o como uma máquina ou aparelho, capaz de transformar determinadas energias. Nesse contexto, as partículas materiais que correspondem aos neurônios são diferenciadas por sua atividade ou repouso. A partir do princípio da *inércia neuronal*, os neurônios tendem a descarregar uma quantidade (Q) de energia.

Freud constrói um notável modelo, que devemos entender como metafórico, e não como uma descrição anatômica de nosso sistema nervoso, o que estaria longe dos propósitos da psicanálise então nascente. Importantes conceitos como “barreiras de contato” e “facilitação” ou “trilhamento” (*Bahnung*) são articulados aqui, a fim de solucionar a dinâmica a partir da qual os neurônios operam. Neste momento, há duas classes de neurônios (uma terceira e fundamental classe logo precisará ser enunciada). A primeira, dos neurônios permeáveis, que não oferecem resistência à passagem de Q e não retêm marcas duradouras. São, portanto,

neurônios que permanecem inalterados após a passagem de excitação. Já na segunda classe de neurônios, os impermeáveis, operam as barreiras de contato, não permitindo ou permitindo apenas parcialmente a passagem de $Q\eta$. Com a passagem de excitação, esses neurônios se alteram, oferecendo assim uma possibilidade de representação da memória. Aos primeiros, Freud chama de neurônios Φ ; os segundos, são chamados de neurônios Ψ .

No *Projeto*, Freud pensou a memória como um circuito de impressões de ordem neurológica, conhecidas como *engramas*. Na prática, essas marcas seriam um produto da resistência interna do organismo à livre circulação de energia. Por um lado, os neurônios tendem, pelo princípio de inércia, a se livrar de uma energia $Q\eta$. Por outro lado, porém, deve-se admitir a existência de resistências à descarga total de $Q\eta$, sem as quais não seríamos senão fugazes e frágeis organismos biológicos. Isso porque são justamente essas barreiras de contato, que se opõem à descarga total de energia, não deixando ou deixando passar apenas parcialmente uma quantidade de excitação pelos neurônios Ψ , que se organizariam como o aparato necessário à emergência da memória e, portanto, do *próprio* psiquismo.

Essa divisão dos neurônios em categorias não tem, ressalte-se, nenhum suporte no discurso das ciências naturais da época. Mas essa neurologia indicativa, por assim dizer, encontra dificuldades importantes enquanto se sustenta numa topografia das marcas mnêmicas, que não concebe o psiquismo senão como diferenciação. Freud se vê por vezes diante de importantes encruzilhadas ou aporias, cuja travessia será a condição para os desdobramentos de sua ciência. Para isso, ele precisará conceber novas descrições para o funcionamento do aparelho psíquico.

Como vimos, as facilitações ou trilhamentos (*Bahnung*) correspondem aqui a um percurso das excitações num sistema de passagens e resistências a descargas de energia que constituem os traços do aparelho psíquico. Mas, embora os traços de memória sejam permanentes, a lembrança desses traços acontece na diferenciação, como rastro diferencial. Isso quer dizer que, para além da simples retenção de energia das facilitações, importa em igual medida a diferença nas barreiras de contato. Ou seja, a memória não pode ser concebida aqui apenas como um produto das facilitações, mas também pelas diferenças entre as facilitações. Nesse contexto, Derrida ressalta ainda que essas diferenças na dinâmica das facilitações não se referem somente a forças, mas ainda a lugares. O pensamento da diferença, conforme o filósofo franco-argelino, “não pode dispensar-se de uma tópica nem aceitar as representações correntes do espaçamento” (DERRIDA, 2009, p. 300).

Mas há ainda uma outra complicação a ser resolvida, no que se refere à diferenciação do ordenamento dos traços, sem a qual não seria possível pensar a oposição entre força e sentido. Se falamos até aqui de diferenças de quantidade – segundo uma concepção quantitativa do aparelho psíquico –, será preciso também falar das diferenças de qualidade. No entanto, para Freud, como para a comunidade científica que lhe era contemporânea, o mundo exterior não pode oferecer senão quantidades, ao passo que as qualidades pertenceriam apenas à consciência. Restava então explicar de onde provinham as qualidades, uma vez que não podiam ser recebidas de fora do aparelho nem tampouco do sistema Ψ , que só retém quantidades e diferenças entre quantidades.

Para explicar as diferenças de qualidade, diferenças puras por excelência, Freud lançará mão então de um terceiro sistema de neurônios, que introduz nessa discussão uma dimensão temporal engendrada pela noção de *período* que ela comporta. Esse terceiro sistema de neurônios (ω) “é excitado junto com a percepção, mas não com a reprodução, e cujos estados de excitação produzem as diversas qualidades – ou seja, são *sensações conscientes*” (FREUD, 1996, p. 369).

Derrida percebe aí a introdução de uma nova concepção de tempo, trazida pela noção de *período*, que terá transformado, e mesmo revolucionado a discussão sobre a própria ideia de diferença. A permeabilidade e a facilitação dos neurônios ω , que não podem provir de uma quantidade, mas sim do tempo puro, de um movimento de temporalização, em sua articulação com o espaçamento, assumem aqui a forma de uma nova audácia de Freud, a hipótese descontinuista. Hipótese essa à qual terá se mantido fiel e à qual retornará no penúltimo parágrafo da *Nota sobre o bloco mágico*, para dizer que, em vez de uma suspensão da excitabilidade no sistema perceptivo, acredita numa periódica não excitabilidade desse sistema. Esse funcionamento descontínuo do sistema *Pcp-Cs*, diz Freud, “estaria na origem da ideia de tempo” (FREUD, 2011, p. 274).

O tempo, que é pensado por Derrida desde a espectralidade de um motivo que não se deixa capturar pela ordem de uma presença, assume os contornos de um movimento de temporalização. É justamente a temporalização que virá, na forma de uma ousadia de Freud, em socorro da aporia de uma permeabilidade e de uma facilitação que não provinham de nenhuma quantidade. Elas procedem, nos diz Derrida, “da temporalização pura naquilo que a une ao espaçamento: da periodicidade” (DERRIDA, 2009, p. 301).

Nesse contexto, podemos falar aqui ainda de uma inextrincável relação entre tempo e espaço. Uma relação de interdependência constitutiva, que terá consequências fundamentais,

por exemplo, para a ideia de trauma. Para Freud, “a memória traumática se estrutura por um efeito de *après coup*, e não por qualquer identidade fixa e determinada” (EARLIE, 2021, p. 65) de um acontecimento. Nesse sentido, a natureza da experiência traumática não pode ser entendida como aquilo que aconteceria no momento presente, num momento plenamente consciente, mas após rearranjos temporais e espaciais dos traços psíquicos na memória, de acordo com o advento de novas circunstâncias. Esse conceito de retardamento ou posteridade (*Nachträglichkeit*) não é fortuito no texto de Freud. Ao contrário, trata-se de um conceito diretor para a psicanálise, um conceito que perpassa toda a sua obra. Para Derrida, essa ideia de retardamento nos permite pensar fora da ordem fenomenológica do momento presente, pensar de outro modo a lógica do tempo, como temporalização, em sua irreduzível relação com o espaçamento. Esse não é, no entanto, um mecanismo de adiamento, pelo qual um determinado presente seria atrasado, um determinado ato seria protelado. Para Derrida, é justamente o atraso que é originário. “Sem o que a *différance* seria o adiamento que se concede uma consciência, numa presença a si do presente” (DERRIDA, 2009, p. 299).

Como vimos, os sistemas de neurônios Φ e Ψ , responsáveis por processos psíquicos importantes, estão ligados à passagem e retenção de energia, ou seja, à quantidade. Nesse sentido, uma novidade fundamental trazida pelo modelo proposto por Freud é que esses processos se mostram independentes da consciência. A consciência é referida ao sistema de neurônios ω , que “se comportam como órgãos de percepção e neles não encontramos nenhum lugar para a memória” (FREUD, 1996, p. 370). A memória de que estamos falando, que constitui o próprio aparelho psíquico, está ligada ao processo do sistema Ψ . Ela é, portanto, uma memória inconsciente. Enquanto a qualidade está sempre referida ao sistema ω , portanto, à consciência.

Importa notar que esse não é um passo banal em direção à problemática do descentramento do sujeito cartesiano que, tradicionalmente, foi pensado a partir de uma autoridade da consciência, da consciência a si do sujeito. De alguma maneira, fundam-se aqui as bases de um psiquismo pensado a partir do registro do inconsciente, de um *sujeito do inconsciente*.

Ponto importante para os propósitos de nossa leitura, esse inconsciente que aqui se prenuncia na obra de Freud não poderá ser concebido segundo o modelo dominante de uma linguagem falada e presente a si na consciência, mas sim como escritura, no sentido que Derrida dá a esse termo. Essa abertura proporcionada por Freud, muito além da consciência, terá permitido a Derrida, entre outras coisas, lançar mão das ferramentas da psicanálise para

recolocar ou reposicionar a questão do primado da presença e, por conseguinte, da consciência, segundo uma necessidade propriamente desconstrutora (DERRIDA, 2004, p. 204).

Aqui, cabe atualizar a novidade do texto de Derrida, na leitura que este faz de Freud, que reorienta certo olhar da filosofia e da psicanálise para a questão dos desdobramentos permitidos por Freud no que se refere à linguagem, à memória, à consciência e à escritura. Derrida nota em Freud a elaboração progressiva de uma concepção do aparelho psíquico como máquina de escritura, lembremos. Desde o início, o discurso de Freud teria se comprometido com a articulação de dois registros, aparentemente inconciliáveis entre si, nos quais o psiquismo deveria se inscrever, isto é, ser uma máquina e, além disso, ser uma máquina de escritura.

Derrida percebe o movimento dessa articulação em Freud não pelo viés metapsicológico, para o qual muitos outros autores se voltaram em suas leituras da psicanálise freudiana, mas pela enunciação de um pensamento do rastro e da escritura que terá enxergado no texto de Freud. Em outras palavras, Derrida salienta uma injunção, até então não percebida por Freud, que vai do *Projeto à Nota*, mostrando aí um sistemático esforço para pensar o rastro, a escritura e a diferença, ainda que, imerso numa trama conceitual enclausurada na metafísica da presença, ele não pudesse se dar conta disso. Mas, suspensão necessária para uma *tarefa de definição* já sempre constitutivamente fadada ao fracasso, o que é isso que estamos entendendo aqui, telegráfica e obliquamente, como diferença (como *différance*) e rastro?

Os operadores da desconstrução

Derrida terá se mantido *fiel* à noção de *différance*, que forjou na década de 1960, ao longo de toda a sua obra. Essa noção também teve importante relevo a partir das discussões que o jovem Derrida propôs no meio psicanalítico francês, distanciando-se de um retorno unívoco a Freud, como o pretendido por Lacan – centrando-se na linguagem (Major, 2002). Outros personagens da cena psicanalítica parisiense poderiam ser evocados aqui, uma vez que tenham contribuído para o debate psicanalítico que então se fazia, como é o caso de André Green. Mas importa notar também como a imersão de Derrida no contexto da psicanálise renovou os termos a partir dos quais isso que se convencionou chamar de desconstrução pôde assumir os contornos pelos quais se tornou mundialmente conhecida.

Lembremos, por exemplo – e este não é um exemplo trivial –, que o ensaio de Derrida *Freud e a cena da escritura* decorreu da apresentação que o autor fez no seminário de André Green na Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP), em março de 1966. Essa comunicação é, de algum modo, um marco para as discussões psicanalíticas então em voga nos círculos de Paris,

mas também para o pensamento derridiano. Para a psicanálise, em primeiro lugar, por trazer, no contexto francês, novas observações, novos pontos de vista, um novo e *outro* retorno ao texto de Freud. Para as elaborações teóricas de Derrida, porque é nessa palestra que o autor ensaia um trato mais acurado da noção de *différance*, dando a ela mais importância, mais detalhes e maiores consequências.

Por motivos que *talvez* não fiquem claros senão daqui a pouco, arriscaremos dizer que é como se o caminho percorrido por Derrida, no intuito de mostrar o esforço teórico de Freud para afirmar uma concepção do aparelho psíquico como máquina – mas uma máquina não estática, um mecanismo que se diferencia sempre dele mesmo, marcado pelo apagamento e a efração de seus próprios rastros –, é como se esse caminho, dizíamos, tivesse dado a Derrida seu próprio bloco mágico, a *différance*. Isso no sentido de que *ela* desempenha um papel análogo: assim como o *Wunderblock* freudiano demonstra que não há inscrição original fixa, mas um jogo constante entre apagamento e retenção, a *différance* remarca como o significado nunca é plenamente presente ou estável, mas sempre diferido num jogo de rastros.

Em Derrida, a noção de *différance* parece, à primeira vista, marcar uma espécie de guinada rumo a uma gramatologia, ao mesmo tempo em que evidencia certo afastamento da diferença ôntico-ontológica de Heidegger. A desconstrução que o projeto gramatológico põe para funcionar diz respeito a um pensamento da descontinuidade plena da fala e, portanto, dessa não diferença entre o significado e o significante, a que Derrida designa *différance*. Trata-se, noutros termos, do desmantelamento do logocentrismo a partir da radicalização da crítica à ontoteologia começada pelo autor de *Ser e tempo*. “O logos”, lembra-nos Derrida, “como sublimação do rastro é *teológico*” (DERRIDA, 2008, p. 87).

Essa *différance*, na economia do idioma filosófico derridiano, resiste à tradução; é legível, embora não possa ser ouvida. Ainda que a semelhança fônica permaneça, a alteridade gráfica do “a” mudo não se deixa apropriar pela presença a si da fala, ela não é, neste contexto, presentificável. A inscrição tumular dessa letra que não se ouve marca o rastro como apagamento. De algum modo, ela é ainda um *muito além* do objeto (a) de Lacan, uma vez que essa falta residual aventada pelo psicanalista parisiense permanece ligada ao Simbólico, ao passo que a *différance* desdobrada por Derrida antecede e suplementa a análise do Simbólico. Noutras palavras, a *différance* não é nada. Não se regulando, portanto, segundo a ordem de um ente-presente, ela permanece marcada por uma nuance inencontrável e não apropriável, o inencontrável lugar do lugar, onde a relação ao outro pode acontecer ou ter lugar na forma do *acontecimento*.

Também nesse contexto, o *rastro* nunca corresponde a uma presença fixa, mas se marca como vestígio de alguma coisa que sempre escapa, que nunca está plenamente presente. É designando como rastro a isso que se furta à ordem da presença e à *entância* que Derrida terá pensado a relação não apenas entre o vivente e o seu outro, seja este o que quer que seja (*tout autre*), mas também a própria relação entre o dentro e o fora como espaçamento (DERRIDA, 2008. p. 87).

Além disso, é preciso pensar a lógica do rastro que se impõe nessa discussão. Para além das questões de tradução dos textos de Derrida no Brasil, que verteram *trace* por traço, e não por rastro, sobretudo nas décadas de 1970 e 1980, devemos observar, para ser justo com Freud, como é de traço mesmo que estamos falando no contexto de sua obra. A leitura posterior de Derrida, porém, destacará o movimento interno dos textos de Freud, a necessidade de esse traço psíquico *se tornar* rastro. Essa passagem do conceito de traço psíquico para a noção de rastro acontece então a partir do gesto de Derrida de radicalizar a ideia de inscrição inconsciente. Isso só poderá acontecer a partir do deslocamento de um registro psicológico em direção a uma estrutura mais ampla de significação. Em Freud, inicialmente, o traço psíquico se refere à permanência de marcas mnêmicas no aparelho psíquico, isto é, a memória não opera segundo a lei de uma simples repetição ou representação exata do passado, mas numa dinâmica de inscrições e ressignificações. Esse modelo já implica um distanciamento da ideia de um significado fixo ou de uma origem plena da experiência psíquica.

Ao pensarmos o *Wunderblock* de Freud como um modelo de *différance* em ação, estamos perspectivando o inconsciente não como um arquivo fixo de traços psíquicos, e sim como um jogo incessante de rastros, onde cada marca é *ao mesmo tempo* apagada e reinscrita em novas cadeias de significação. O rastro, portanto, suplementa a ideia de um significado original, mostrando que toda inscrição é já uma reinscrição, e que toda memória é também um esquecimento – um deslocamento permanente de sentido.

Retornando a Freud

Munidos minimamente de algumas das noções manejadas por Derrida para a partir disso pensar a cena da escritura em Freud, podemos agora perceber como, ainda que o *Projeto para uma psicologia científica* nos mostre como a força se inscreve na trama neuronal como sentido, não se pode ainda falar propriamente de uma escritura no texto de Freud. A persistência freudiana em abarcar o psiquismo por meio de uma topografia dos traços deverá dar lugar, como vimos, a um gesto mais audacioso. Freud deverá ir além em seus atos de coragem, a fim de

repensar suas preocupações anatômicas e espaciais. Seu gesto, cada vez mais radical em direção ao princípio da diferença, é o que, a partir da referida carta a Fliess, o situará então em uma cena de escritura. Quando Freud renunciar à neurologia e às localizações anatômicas, diz Derrida, “não será para abandonar, mas para transformar suas preocupações topográficas” (DERRIDA, 2009, p. 302).

O aparelho pensado no *Projeto* se ordenava como uma máquina, mas ainda não como uma máquina de escrever. No entanto, parecia haver uma espécie de intuição em Freud de que, muito em breve, esses elementos se ordenariam num todo autônomo que desse conta do funcionamento do psiquismo. “Em breve: dentro de trinta anos. Sozinho: quase” (*Ibidem*, p. 303). Embora não se tenha aí ainda uma solução para o problema ao qual se propôs (muito longe disso!), um ano depois de redigir o *Projeto*, Freud vai rearticular os elementos dessa discussão. Na *Carta 52* já aparecem termos que dão conta de uma abordagem propriamente gráfica do psiquismo, como *signo*, *inscrição* e *transcrição*. Assim, começa a ser forjada uma noção de aparelho calcada numa escritura estratificada que, segundo um movimento de temporalização e espaçamento, opera numa dinâmica de reinscrição de signos, à qual Freud ainda está longe de dominar. “É o primeiro gesto em direção à *Nota*” (*Ibidem*, p. 304), lembra Derrida.

Em última instância, para Freud, era preciso encontrar uma solução que mediasse o psicológico e o somático, a força e a significação. Ou seja, faltava superar a distinção entre o conteúdo psíquico das representações e o aparato não psíquico, biológico, desse aparelho. Derrida vê surgir aí então a metáfora da escritura na psicanálise, como uma espécie de retorno de uma escritura que havia sido recalçada pela metafísica ocidental, como ele o indicara na *Gramatologia*¹¹⁸. A metáfora da escritura, diz Derrida, “vai apoderar-se ao *mesmo tempo do problema do aparelho psíquico, na sua estrutura, e do problema do texto psíquico, na sua textura*” (DERRIDA, 2009, p. 304, grifo do autor).

Vale ressaltar aqui os contornos dados por Derrida à noção de metáfora. Ao contrário do que a tradição filosófica se esforça por nos fazer crer, o discurso filosófico, está impregnado de metáforas. Metáforas, e todas as suas derivações – pleonasmos, silepses, metonímias etc. –, são de algum modo constitutivas do pensamento filosófico. Na metáfora, a significação inicial de uma palavra ou proposição é substituída por outra, mantendo-se uma relação de semelhança. Mas o próprio conceito de metáfora é metafórico, enquanto ultrapassagem (*meta-foreign*). Na Modernidade, esse conceito já não tem o sentido de simples suplemento da linguagem. O

¹¹⁸ Principalmente o capítulo I, “A escritura pré-litera”.

próprio pensamento é metafórico, e a metáfora torna-se parte fundamental do seu movimento. A filosofia fala por meio de metáforas no mesmo gesto em que as oculta, enquanto parte constitutiva do discurso. Logo, não há escrita, nem tradução, que não sejam já metafóricas (Derrida, 1991).

Voltando ao percurso freudiano que nos interessa aqui, o percurso que vai do traço à escritura, temos então que a *Carta 52* e a *Interpretação dos sonhos* marcam um importante movimento no pensamento de Freud em direção à descrição do aparelho psíquico como uma complexa máquina de escritura. Ordenado segundo diversas camadas de escritura, a dinâmica do aparelho psíquico seria uma dinâmica de reinscrições permanentes dos signos. E, uma vez inscrito nessa cena, um determinado signo seria reinscrito e ressignificado posteriormente, num processo diferencial que não remete, no entanto, ao transporte de um texto presente em outro lugar, numa exterioridade. “O texto consciente não é, portanto, uma transcrição porque não houve que transpor, que transportar um texto *presente noutra lugar* sob a forma de inconsciência” (DERRIDA, 2009, p. 310).

Na *Interpretação dos sonhos*, Freud irá enunciar uma novidade importante para a cena da escritura que está engendrando, segundo a qual os sonhos são uma produção significativa. O sistema de traços psíquicos é agora concebido como texto psíquico. Além disso, podemos falar também de uma cena psíquica, ou mais propriamente de uma realidade psíquica, que se contrapõe à realidade material. “O inconsciente é a verdadeira realidade psíquica” (FREUD, 2019, p. 666), diz Freud. Essa realidade psíquica seria “constituída por traços e atravessada por fantasmas, de maneira que o sentido seria produzido por estes e aqueles, distantes então de qualquer realismo ordenado pelo estado de coisas” (BIRMAN, 2007, p. 294). E, indo além dos sistemas e modalidades de interpretação dos sonhos existentes, aos quais criticou, Freud propôs que os sonhos são uma escritura a ser decifrada. Essa escritura dos sonhos teria ainda a especificidade de ser uma escritura não-fonética.

Nesse contexto, a clássica distinção entre significante e significado, central para o conceito de signo e para o modelo fonológico, não poderia ser radical o suficiente nem poderia dar conta de uma interpretação onírica. Em vez de uma linguística fundamentada num fonologismo antigo, a psicanálise permitia agora pensarmos numa outra grafemática *por vir*. Mas essa escritura psíquica, para a qual Freud ainda não tem um modelo mecânico propriamente adequado, não se presta a uma tradução. Ao se ater a uma ideia de significação definitiva, ela parece abrir mão, ou mesmo esquecer, o corpo do significante. Esse modelo de tradução do texto inconsciente para a consciência, além disso, apelaria ainda à lógica de um paradigma topográfico que, aos olhos de Derrida, se mostra insuficiente. A escritura psíquica,

diz ele, “não se presta a uma tradução porque é um único sistema energético, por mais diferenciado que seja, e porque cobre todo o aparelho psíquico” (DERRIDA, 2009, p. 313).

A máquina de escritura de Freud

Assim, resta ainda a exigência freudiana de descrever o aparelho psíquico como uma máquina de escritura. Se, no *Projeto*, Freud descreveu esse aparelho a partir de metáforas neurobiológicas, na *Interpretação dos sonhos*, terá assumido a metáfora óptica – ele tentou se valer das analogias do microscópio e do telescópio que, no entanto, não conseguiriam representar as exigências de um duplo sistema, que oferecesse a nudez da superfície e a profundidade da retenção – para tentar solucionar a aparente incompatibilidade entre essa máquina e a cena escriturária, por assim dizer. Freud, nos lembra Derrida, “que gosta de *representar* sempre o aparelho psíquico numa montagem artificial, ainda não descobriu um modelo mecânico adequado à conceitualidade grafemática que já utiliza para descrever o texto psíquico” (DERRIDA, 2009, p. 312).

Será então na *Nota sobre o bloco mágico* que a tensão entre as duas séries de metáforas se dissipará. Progressivamente, num texto de apenas seis páginas, Freud demonstrará uma rigorosa analogia entre o aparelho de percepção e um aparelho de escrita específico. Após trinta anos, Freud encontra finalmente uma correspondência capaz de dar conta das exigências definidas pelo *Projeto*: uma superfície que permita receber inscrições do mundo exterior sem se saturar e, ao mesmo tempo, conservar indefinidamente essas inscrições. Dois sistemas em um único aparelho, “inocência sempre oferecida e reserva infinita das marcas” (*Ibidem*, p. 326-327). Eis, então, a descrição do simples e mágico aparelho que terá resolvido a questão de Freud:

O Bloco Mágico é uma tabuinha feita de cera ou resina marrom-escura, com margens de papelão, sobre a qual há uma folha fina e translúcida, presa à tabuinha de cera na parte superior e livre na parte inferior. Essa folha é a parte mais interessante do pequeno aparelho. Consiste ela mesma de duas camadas, que podem ser separadas uma da outra nas bordas laterais. A camada de cima é uma película de celuloide transparente, a de baixo é um papel encerado, ou seja, translúcido. Quando o aparelho não é utilizado, a superfície de baixo do papel encerado cola-se levemente à superfície de cima da tabuinha de cera. Ao utilizar esse Bloco Mágico, escrevemos na película de celuloide da folha que cobre a tabuinha de cera. Para isso não é necessário lápis ou giz, pois a escrita não consiste em depositar certo material na superfície receptora. É um retorno ao modo como os antigos escreviam, em tabuinhas de argila e de cera. Um estilete pontiagudo arranha a superfície, e os sulcos assim deixados vêm a constituir a “escrita”. No Bloco Mágico o estilete não age diretamente na cera, mas sim através da folha que a cobre; ele pressiona o verso do papel encerado contra a tabuinha de cera, nos locais em que toca, e as ranhuras tornam-se visíveis como caracteres escuros, na lisa superfície acinzentada do celuloide. Querendo-se apagar o que foi escrito, basta levantar brevemente a dupla folha de cobertura, a partir da borda inferior que não é

presa. Assim o íntimo contato do papel encerado com a tabuinha de cera nos lugares pressionados (mediante o qual se produz a escrita) é desfeito e não volta a ocorrer quando os dois se tocam novamente. Então o Bloco Mágico fica novamente vazio, pronto para receber outras anotações (FREUD, 2011, p. 270-271).

Dessa maneira, Freud consegue reunir as condições necessárias para desfazer a tensão entre a exigência do aparelho psíquico como máquina e a cena de escritura. O brinquedo infantil escolhido por ele se mostra como uma metáfora finalmente adequada para uma ideia de psiquismo como máquina de escrever. “A tabuinha de cera representa efetivamente o inconsciente” (DERRIDA, 2009, p. 329). Esse modelo dá conta ainda de uma ideia de *tempo da escritura*, o tempo do pedaço de cera. Porque essa máquina mágica não funciona sozinha, são necessárias duas mãos para que opere devidamente. “É nisso que se nota sua temporalidade” (*Ibidem*, p. 331).

Além disso, no inconsciente, como no bloco mágico, as marcas estão sempre suscetíveis ao jogo da inscrição e do apagamento. A memória, no sentido que Freud dá a esse termo, bem como o próprio sujeito do inconsciente, são marcados não por uma identidade fixa e já sempre dada, mas por uma ausência originária.

Nessa lógica da inscrição permanente de rastros, a morte não pode mais ser vista como um simples evento biológico, mas sim como um acontecimento intrinsecamente ligado ao funcionamento desse aparelho de escritura. “A máquina – e, portanto, a representação – é a morte e a finitude *no psíquico*” (*Ibidem*, p. 333-334). Porque isso que se inscreve está sempre na iminência de seu apagamento. E, na medida em que o sujeito é também um efeito de inscrições, sua possibilidade de esquecimento ou de perda está sempre patente.

Dessa maneira, a cena de escritura da qual falamos até aqui *joga* sempre com a morte, uma vez que os rastros que nela se inscrevem apontam para uma ausência originária, para uma *adestinação* ou, ainda, para a impossibilidade de uma presença plena. De alguma maneira, o que Derrida faz é hiperbolizar as consequências da descoberta freudiana do bloco mágico, mostrando como, a partir dela, o sujeito passa a ser pensado não mais segundo uma transparência de sentido, mas como um *jogo de rastros*, sempre diferido de si mesmo, atravessado pela morte como estrutura. “É preciso pensar a vida como rastro antes de determinar o ser como presença. É a única condição para poder dizer que a vida *é* a morte” (DERRIDA, 2009, p. 299).

Referências

BARING, E. *O Jovem Derrida e a filosofia francesa, de 1945 a 1968*. Trad. Adriano Scandolara. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.

BIRMAN, Joel. Escritura e psicanálise: Derrida, leitor de Freud. *Natureza Humana* 9(2): 275-298, jul.-dez. 2007.

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. Trad. Mirian Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2008.

_____. Freud e a cena da escritura. *In: A escritura e a diferença*. Trad. Maria Beatriz Marques. São Paulo: Perspectiva, 2009.

_____. *Mémoires: pour Paul de Man*. Paris: Galilée, 1988.

_____. *Margens: da filosofia*. Trad. de Joaquim Torres Costa; Antonio M. Magalhães. Campinas, SP: 1991.

_____. Elogio da psicanálise. *In: DERRIDA, J.; ROUDINESCO, E. De que amanhã...Diálogo*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

EARLIE, Paul. *Derrida and the Legacy of Psychoanalysis*. Oxford: University Press, 2021.

FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica. *In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V. I, p. 355-467.

_____. “Carta 52”. *In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V. I, p. 281-287.

_____. Nota sobre o bloco mágico. *In: Obras Completas, volume 16: O eu e o id, “autobiografia” e outros textos*. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

_____. *A interpretação dos sonhos*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MAJOR, René. *Lacan com Derrida*. Trad. Fernanda Abreu. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

SOLIS, Dirce Eleonora Nigro. *Desconstrução e arquitetura: uma abordagem a partir de Jacques Derrida*. Rio de Janeiro: UAPÊ, 2009.